

Algumas considerações sobre os resultados do PIB no 1º trimestre de 2019

Alguns comentários sobre o PIB brasileiro no 1º trimestre de 2019

- O PIB brasileiro, no 1º trimestre de 2019, caiu 0,2% em relação ao 4º trimestre de 2018, dado já ajustado sazonalmente. Neste ritmo, o país só retornaria sua economia aos patamares pré 2015 em 2023, se tratando do desempenho econômico de períodos pós-crise mais lentos do mundo: a média de recuperação entre os países analisados pelo CODACE-FGV é entre 10 a 11 trimestres e, no caso brasileiro, já estamos no 21º trimestre de crise e ainda longe do patamar de 2014;
- Na comparação com o mesmo período de 2018, houve uma desaceleração de para 0,5%, já que o mesmo dado entre o 1º trimestre de 2018 e 2017 foi de 1,2%;
- O resultado mostra uma inflexão no desempenho econômico, com uma piora da frente a um cenário que já era fraco. Demanda interna (consumo das famílias e investimentos) em desaceleração foi a principal causa dessa piora, com o cenário externo também atuando de forma negativa em relação às exportações;
- Trata-se de um cenário de provável “estagnação” com risco de se transformar em recessão. Esta já é considerada a recuperação mais lenta da história do país e, na ausência de uma “quebra” desse cenário de incerteza e pessimismo, tende a prolongar o estado de prostração econômica;
- Este resultado negativo, do ponto de vista setorial foi muito diverso:
 - A agropecuária manteve a queda verificada em 2018, dado cenário externo desfavorável e da produção estagnada, especialmente no segmento de farelo de soja e açúcar de cana, sendo verificado algum aumento (insuficiente) na soja, celulose e carne de frango. Perspectivas não são as melhores, à exceção do segmento de pecuária, com aumento de produção e de exportações *in natura*;
 - A indústria, por sua vez, convive com um cenário de altos estoques, capacidade utilizada baixa e demanda fraca, desestimulando qualquer retomada dos investimentos, ainda mais em um quadro de ausência de qualquer ação de política monetária e permanência de juros reais altos. A permanência da crise na Argentina frustrou as exportações de manufaturados, cenário que ainda teve contribuição do fraco comércio global. Especificamente sobre o setor de *extração mineral*, o crime ambiental de Brumadinho, além de constituir como catástrofe social, trabalhista e ambiental, ainda teve impactos negativos na produção de minérios do país, acentuando uma queda que já era tendencial. No segmento de *construção*, especialmente o residencial, esperava-se uma recuperação, mas a mesma não se consolidou devido ausência de investimentos em infraestrutura e estagnação do segmento residencial;

- O comércio permaneceu prejudicado pelo estado da demanda, especificamente pela precariedade do mercado de trabalho e pela estagnação da renda, em um quadro de aumento dos preços de alimentos e combustíveis no período. O segmento que mais apresentou desempenho aquém foi o de *Hipermercados e Supermercados*, que pode ser considerado um indicativo de que o cenário é ruim já que se trata de atividade que envolve a comercialização de bens essenciais. Somente atividades com menor participação observaram alguma alta, como comércio de produtos *farmacêuticos, perfumaria* e materiais para escritório. Como o circuito renda-crédito-consumo encontra-se prejudicado dada estagnação da renda e precarização do mercado de trabalho, há poucas dúvidas de que um aumento mais vigoroso do setor passa por uma melhora do mercado de trabalho.
- O setor de *serviços* também se encontra em quadro semelhante, com piora no segmento de transportes, ainda que se tenha verificado algum aumento em outros serviços, mas sem qualquer capacidade de contribuir de para avanço da economia. Pela pesquisa mensal de serviços (PMS-IBGE), o 1º trimestre de 2019 indicou fraco desempenho no segmento de serviços profissionais e administrativos e transportes, indicando fraca demanda empresarial de serviços “assessoriais”, ou seja, baixa atividade econômica, que por sua vez apresenta poucas perspectivas de melhora dada demanda interna fraca;
- Pelo lado da demanda, o setor público, que poderia atuar de forma a minorar esse fraco desempenho através do gasto anticíclico, não tem desempenhado essa função a contento. Os investimentos, por sua vez, dada qualquer perspectiva de melhora no curto prazo, permanecem deteriorados; o dado seria pior se não houvesse ocorrido o “ajuste” patrimonial das plataformas da Petrobrás no decorrer em 2018. O consumo das famílias apresentou nova queda, tornando um resultado negativo cada vez mais próximo.
- Indicadores da fraca atividade econômica:
 - Inflação: há algumas pressões inflacionárias nos alimentos, que tem se arrefecido. A política de preços praticados pela Petrobrás, dos reajustes de planos de saúde e energia elétrica permanece, causando pressões adicionais. A demanda fraca auxilia que a inflação não tenha comportamento ascendente, mas em caso de qualquer problema de oferta ou câmbio que afete os preços, pode haver um quadro de recessão com inflação;
 - Elevada capacidade ociosa na Indústria: há um evidente descompasso entre a oferta (que irá andar mais lentamente) e a demanda (mais influenciada pela conjuntura). Pouco avanço tem ocorrido.
 - Mercado de trabalho volátil e se expandindo através do emprego informal e outras formas precárias: lenta recuperação do consumo interno;
 - Arrecadação fiscal, apesar da redução dos déficits primários, permanece inferior em termos reais aos patamares pré-2015, especialmente na arrecadação previdenciária e impostos de consumo, que caíram com a recessão e posterior estagnação. Sem crescimento econômico, ou haverá majoração de impostos, venda de patrimônio (receitas extraordinárias), ou ainda nova rodada de cortes no orçamento, já que o ajuste pelas

receitas regulares será muito difícil nessa conjuntura. O governo trabalha com cenário de “travamento” do Estado como forma de pressão à dificuldade do cumprimento da “regra de ouro” ou mesmo para forçar a aprovação da reforma da previdência;

- Aumento da incerteza sobre 2019: pessimismo influencia negativamente o gasto privado, ainda mais em um cenário de aperto fiscal, redução do espaço de atuação do BNDES e ausência de reversão da política monetária;
- O cenário externo não é animador, com revisões para baixo do crescimento de várias economias. Além disso, expectativa baixista na agropecuária e fracos indicadores no início do ano não apontam para um cenário diverso de 2018, muito pelo contrário, de uma acentuação do quadro de desaceleração da economia, que pode se tornar recessão caso o segundo trimestre não seja melhor. E há pouca (ou nenhuma) evidência de que isso possa ocorrer, dada insistência do governo federal no “austericídio fiscal” e imobilismo na política monetária. A recuperação aos patamares pré-2015 parecem cada vez mais distantes.

Tabela 1: Taxa de variação do PIB, trimestre contra trimestre anterior (com ajuste sazonal), subsetores e itens da demanda, em %, 1º trimestre dos respectivos anos.

Subsetores de atividade econômica	1º tri 2018	1º tri 2019
Agropecuária	1,4	-0,5
Indústrias extrativas	0,6	-6,3
Indústrias de transformação	-0,4	-0,5
Eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	2,1	1,4
Construção	-0,6	-2,0
Comércio	0,2	-0,1
Transporte, armazenagem e correio	0,7	-0,6
Informação e comunicação	-1,2	0,3
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	-0,1	0,4
Atividades Imobiliárias	0,2	0,5
Outras atividades de serviços	0,6	0,4
Adm., defesa, saúde e educação públicas e seguridade social	0,1	0,3
Itens de demanda		
Consumo das Famílias	0,5	0,3
Consumo do Governo	-0,4	0,4
Formação Bruta de Capital Fixo	1,3	-1,7
Exportação	1,3	-1,9
Importação	2,5	0,5
PIB	0,4	-0,2

Fonte: Sistema de Contas Nacionais – IBGE.